

IMPrensa FEMININA, REVISTA FEMININA. A IMPrensa FEMININA NO BRASIL

*Sandra Lúcia Lopes Lima**

Resumo

A Revista Feminina foi uma das mais importantes publicações para mulheres no Brasil do início do séc. XX. Fundada por uma mulher, tinha o objetivo de oferecer recreação, mas sua principal intenção era educar as mulheres para os papéis de esposa e mãe, os mais importantes de suas vidas, através de mensagens moralizadoras que conduziam ao comportamento desejado.

Palavras-chave

Imprensa Feminina. Revista Feminina. Mulher. Esposa. Mãe.

Abstract

The Feminine Magazine was one of the most important publications for women in Brazil at the beginning of the 20th Century. Created by a woman to offer entertainment, its main intention was to educate women to be wives and mothers, the most important roles of their lives, through moralising messages that would lead them to a desirable behavior.

Keywords

Female Press. Feminine Magazine. Women. Wife. Mother.

O reconhecimento da imprensa como importante fonte histórica tem nos apresentado com a possibilidade de resgatar momentos passados do cenário da nossa vida cotidiana. A imprensa registra, comenta, forma opiniões, distrai; através de suas palavras e imagens reencontramos valores e comportamentos perdidos. A consciência dessa riqueza documental fez aumentar a quantidade de estudos que usam a imprensa como suporte; desses olhares, porém, são em menor número os que se voltam a uma modalidade presente desde o início do séc. XIX: a imprensa feminina.

Dulcília Buitoni, uma das pioneiras no estudo desse gênero jornalístico entre nós, em seu livro *Mulher de papel*, fez uma importante e rica retrospectiva da trajetória das publicações para público feminino, mostrando que já na primeira metade do séc. XIX, após a tardia introdução da imprensa no Brasil, surgiram periódicos voltados para as mulheres, em atitudes de corajoso desafio ao alto grau de analfabetismo da sociedade brasileira, especialmente desse grupo.

Dulcília identificou *O Espelho Diamantino*, editado no Rio de Janeiro, em 1827, como o provável primeiro periódico feminino brasileiro; o *Correio das Modas*, de 1839, também carioca, disputaria o pioneirismo das publicações para mulheres. Mas a imprensa feminina do séc. XIX não se restringiu ao Rio de Janeiro e, em 1831, em Recife, foi lançado *O Espelho das Brasileiras*, seguido de várias outras publicações do gênero, muitas vezes de efêmera duração. Preocupavam-se basicamente com moda e literatura.

Na segunda metade do séc. XIX, a imprensa se desenvolveu e estreitou seus laços com a literatura; grandes escritores, como José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo e Machado de Assis tiveram suas obras publicadas nos jornais, sob a forma de folhetins, que estimulavam sonhos e fantasias de homens e mulheres, envolvidos em suas tramas amorosas.

A ilustração também passou a ser mais utilizada, graças a desenhistas como Henrique Fleiuss (*Semana Ilustrada* - 1860) e Ângelo Agostini (*Revista Ilustrada* - 1876).

É nesse momento que surgem “alguns periódicos audaciosos editados por mulheres”,¹ entre eles o *Jornal das Senhoras*, de responsabilidade de Joana Paula Manso de Noronha, que a partir de 1852, “parece ter sido um dos primeiros a contar com mulheres na redação”.² Conseguiu ultrapassar os limites da moda e da literatura, ousando tímidos protestos contra a maneira possessiva com que os homens tratavam suas mulheres. Denunciava que

...para a maioria dos homens, o casamento era apenas um meio de satisfazer um desejo, um capricho, ou simplesmente mudar de estado. Ou assegurar a sua fortuna. Daí o homem poder dizer “minha mulher” com a mesma entonação de voz com que diz “meu cavalo, minhas botas, etc.”, pois tudo são trastes de seu uso.³

Apesar da ousada contestação, para a época, a atitude das mulheres diante da publicação do *Jornal das Senhoras* era de timidez, inclusive das próprias colaboradoras, que procuravam manter o anonimato.

Até a autora da seção de modas mostrava-se muito temerosa de um possível ridículo e, admitindo que lhe faltasse a coragem da editora, requereu seu anonimato fosse mantido.⁴

Esse temor não impediu o aparecimento de novas publicações críticas à condição feminina. Em 1862, também no Rio de Janeiro, um grupo de mulheres, com instrução secundária, fundou *O Belo Sexo*. Mais críticas quanto ao tipo de atuação social da mulher, que, segundo elas, conduzia ao tédio e solidão de uma vida improdutiva, que as privava de uma instrução mais profunda para conduzi-las ao casamento. Corajosamente,

elas se opunham a um mundo que as mantinha ocupadas com a invenção de novas modas ou lhes proporcionava tantas reuniões para estafá-las a falar dos outros em vez de trabalhar por todos.⁵

As responsáveis por “O Belo Sexo” reuniam-se uma vez por semana para discutir as matérias a serem publicadas, e já não se mantinham no anonimato, expressando-se mais livremente, o que não lhes poupou críticas e oposições. “*Dúvidas das próprias mulheres somaram-se a restrições e pressões sociais para impedir o desenvolvimento de uma consciência feminista*”.⁶

Apesar disso, o final do século XIX assistiu a várias outras publicações femininas: *O Domingo*, de responsabilidade de Violante Atabalipa de Bivar e Velasco (Rio de Janeiro-1874); o *Eco das Damas*, lançada por Amélia Carolina da Silva Couto (Rio de Janeiro-1879); *A Família*, editada por Josefina Álvares de Azevedo (Rio de Janeiro-1889). Em Minas Gerais, a partir de 1873, começou a circular *O Sexo Feminino*, dirigido por Francisca Senhorinha Motta Diniz.

June E. Hahner, que estudou essas publicações da imprensa feminina, refere-se ao pouco destaque que elas têm merecido por parte de estudiosos da imprensa e dos movimentos feministas. Lembra que essas mulheres, através de seus jornais, procuravam despertar as demais para o desenvolvimento de um potencial sufocado e desconhecido. Acreditavam na educação como instrumento mais eficaz para libertar a mulher da opressão que vinha sofrendo há séculos. Algumas tiveram idéias avançadas para a época.

Josefina Álvares de Azevedo, por exemplo, foi das “*mais vigorosas das vozes femininas surgidas nas décadas de 1880-1890*” (7). Rebelou-se contra a tirânica dominação do homem, “*sempre um déspota*”, e questionou “*se nas qualidades da mulher reside a superioridade do casal por que é que, à simples seleção do sexo, se há de conceder atributos de autoridade?*”.⁸

As idéias de Josefina de Azevedo avançaram na defesa da lei do divórcio, que permitiria a dissolução legal de casamentos já desfeitos por acordos mútuos.

Essas publicações críticas e conscientizadas da dominação masculina, porém, não foram as dominantes no gênero. À medida que se caminhava para o final do século, elas rareavam e eram substituídas por outras, mais amenas, com títulos

com nomes de flores, pedras preciosas, animais graciosos, todos metáforas da figura feminina: A Camélia, A Violeta, O Lírio, A Crisálida, A Borboleta, O Beija-Flor, A Esmeralda, A Grinalda, O Leque, O Espelho, Primavera...⁹

No séc. XX, as transformações que afetaram a sociedade brasileira, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, trazendo crescimento urbano, aumento da população e de suas camadas médias, melhoria no nível de instrução, entre outras modificações, refletiram-se na modernização da imprensa. Surgiu a grande imprensa, com maiores tiragens, sustentadas pela publicidade. Intensificou-se o hábito de leitura de jornais e revistas, conforme comprova o aumento das publicações.

Em 1912, São Paulo detinha o primeiro lugar nacional quanto ao número de periódicos publicados (incluindo o Distrito Federal na comparação)... Entre 1911 e 1929 praticamente dobrou o número de jornais diários de São Paulo, atingindo um total de 66, superior à circulação em qualquer outro estado da federação e representando o dobro dos que eram publicados no Distrito Federal...¹⁰

Além dos jornais, as revistas também passaram a ter maior número de leitores, aparecendo novas publicações.

Já havia público para revistas mundanas, ricas e luxuosas que, favorecidas pelo desenvolvimento das artes gráficas, apresentavam belas ilustrações e até fotografias...¹¹

Essas revistas já voltavam sua atenção para o público feminino, incluindo matérias ou seções supostamente de interesse feminino. Assim faziam a *Revista da Semana* (Rio de Janeiro-1901), que tinha uma seção intitulada *Cartas de Mulher*; *Fon-Fon* (Rio de Janeiro -1907) e *Cigarra* (São Paulo-1914), que embora não fossem concebidas como revistas especificamente para público feminino, traziam informações dirigidas às mulheres.

As opções de leitura feminina eram, na época, A *Cigarra*, A *Senhorita*, basicamente moda e penteados, e A *Vida Galante*, revista semanal ilustrada. Havia ainda a *Revista Ilustrada*, com seções femininas bastante procuradas.¹²

As mulheres ganhavam espaço nas matérias e propagandas das revistas de maior circulação, mas não tinham, então, uma publicação que a elas se dedicasse exclusivamente. Esse espaço veio a ser preenchido pela *Revista Feminina*.

A criação de uma revista “sã e moral”

A *Revista Feminina*, publicação “escrita” e dirigida por mulheres, inteiramente voltada ao público feminino, criada no início do séc. XX (1914-1936), não foi uma iniciativa pioneira na imprensa brasileira. Corajosas precursoras, mais ousadas em suas denúncias ou conformadas com a condição que a sociedade lhes impunha, já haviam aberto caminho. No entanto, a *Revista Feminina* veio ocupar um espaço importante no variado e numeroso universo de publicações de revistas da época.

“Não havia uma revista para mulher, então minha mãe, incentivada também pelo irmão, Cláudio de Souza, membro da Academia Brasileira de Letras, e por meu pai, fundou a Revista Feminina...”

No começo era um jornaleco, saíram uns três exemplares como jornaleco, com o nome de A Luta Moderna; depois mudaram o nome para “Revista Feminina”. Acharam mais apropriado. Aí já tomou a forma de uma revista.

Ela nasceu em Mogi das Cruzes; naquela ocasião mamãe morava em Mogi das Cruzes, mas logo mudou-se para São Paulo, e numa garagem de nossa residência, na alameda Gleite, ela foi tomando corpo, foi se difundindo, com um corpo de colaboradores do que havia de melhor aqui.¹³

A *Revista Feminina* deve sua existência à determinação e perseverança de Virgilina Salles de Souza, que assim definiu seus propósitos:

nossa revista representa um gesto abnegado de altruísmo. Criamo-la pela necessidade premente de que se ressentia o nosso meio de uma leitura sã e moral e que, ao lado da parte recreativa e literária, colaborasse eficaz e diretamente na educação doméstica e na orientação do espírito feminino. Não tivemos, não temos e não teremos nenhuma pretensão descabida; nosso esforço é modesto e humilde; não pretende ensinar nem reformar; o que pretende é apenas colaborar, na medida de suas forças, para a educação feminina.¹⁴

Antes de lançar o primeiro número da *Luta Moderna*, Virgilina pacientemente organizou um arquivo com mais de 60.000 endereços de pessoas residentes em todo o Brasil a quem pudesse interessar sua publicação, e, com uma tiragem de 30.000 exemplares, distribuídos gratuitamente até o nº. 7, procurou angariar assinaturas para continuar a circular. Isso só foi possível graças a sua ligação com uma indústria de produtos de beleza que produzia a tintura para cabelo Petalina e o creme Dermina, de propriedade do irmão, que além de literato, era médico, e que criara a fórmula desses produtos, anunciados através da revista.

O trabalho de “semeadura” de leitores conseguiu pouco mais de mil assinaturas, o que não era suficiente para manter a publicação.

Alma de lutadora, Virgilina de Souza Salles, longe de desanimar, atirou-se com mais força à luta, disposta a vencer a todo transe...Corajosa, saiu então a correr as casas de comércio e angariar anúncios, saltando por sobre todos os preconceitos e vencendo sua natural repugnância, criada como fora no conforto e abastança, com os olhos apenas fitos no seu ideal, que era a implantação definitiva da imprensa feminina no Brasil.¹⁵

A posição social de Virgilina, pertencente a tradicional família paulista, facilitou a penetração da revista entre a elite, e a influência de seu irmão nos meios literários garantiu-lhe a colaboração de intelectuais como Menotti del Picchia, Olavo Bilac, Coelho Neto, Afonso Arinos, Amadeu Amaral. Havia também colaboradoras como Júlia Lopes de Almeida, Francisca Júlia da Silva, Dra. Alzira Reis, Priscila Duarte de Almeida, Laurita de Lacerda e várias outras. “*A revista era lida por mulheres de uma classe mais alta, da classe melhor; mulheres de fazendeiros, professoras, mulheres de delegados, prefeitos*”.¹⁶

Era distribuída através de assinaturas, apoiando-se em representantes, as “*embaixatrizes*”, leitoras de maior projeção social, que a recebiam e divulgavam. Em 1915, a revista vendia em torno de 15.000 exemplares; em 1918 chegou a 20/25.000. “*Essas tiragens eram muito significativas no mercado editorial de então, quando boas revistas em média 10.000 exemplares*”.¹⁷

Difundida praticamente em todo o Brasil, em 1924, abriu uma sucursal no Rio de Janeiro. O editorial de fevereiro desse ano dava-lhe as boas vindas nos seguintes termos:

A Revista Feminina está de mudança para o Rio, ou antes, estabeleceu na capital morada definitiva e, sem sair de seu berço paulista, fixou entre nós os seus penates com a sucursal recentemente iniciada.¹⁸

Assim, a revista levava sua “*moralizadora influência*” ao Rio de Janeiro e de lá passava também a congregar as mulheres “*na mesma obra de solidariedade, de patriotismo e de progresso*”.

A morte prematura de sua fundadora, em 1918, foi um impacto que parecia ameaçar sua sobrevivência, mas seus ideais tiveram continuidade com o marido, o irmão e a filha, Avelina, que se recorda daquele momento difícil:

Eu comecei a trabalhar na revista em 25, 26. Eu era muito novinha, tinha saído interna do Colégio Sion. Minha mãe havia falecido em 1918. Sua morte foi muito sentida... Meu pai continuou a revista, depois eu, ajudando ele, até que me casei... Meu pai não quis vender o nome da revista, quis continuar com nossos princípios, porque era um ideal da família.¹⁹

Depois da morte de sua fundadora, em 1920, dirigindo-se “Às Senhoras Brasileiras”, a *Revista Feminina* referendava seus ideais:

A fundadora desta revista, a saudosa Virgilina de Souza Salles, propôs-se trabalhar pelo progresso moral da mulher patriciã, para o levantamento de seu nível intelectual, para a libertar das peias que a trazem embaraçada, para lhe fornecer elementos de luta na conquista da vida, para guiá-la pelo caminho que as mulheres européias e norte-americanas já estão atualmente pisando com firmeza e segurança.²⁰

A revista reforçava constantemente seus ideais altruístas a favor da mulher e frisava não se tratar de uma publicação comercial, que visasse a lucros, por isso fazia constantes apelos às leitoras para que compartilhassem de seus ideais e colaborassem conseguindo novas assinaturas.

De todo o Brasil têm as nossas leitoras acompanhado a disseminação que procuramos dar à nossa revista, do Amazonas ao Prata, desfraldando-a como a bandeira de uma cruzada para que, à sua sombra se venham alistar, confiantes, todos os espíritos femininos que queiram acompanhar-nos na missão, por todos os títulos nobilitante e simpática, da intensificação da cultura feminina.

Temos o orgulho de dizer, pelas manifestações escritas que diariamente nos chegam, que conseguimos manter uma publicação de moral insuspeita e de boas letras, que se tornou a verdadeira leitura do lar, numa época em que da imprensa tão mal uso se faz. É uma satisfação, porém, puramente moral. Em três anos de luta, a Empresa Feminina Brasileira só tem tido prejuízos com a sua publicação, prejuízos que o preço sempre crescente do papel vai, de número a número, tornando mais difícil de sanar.

No entanto, com um ligeiro esforço de cada uma de nossas leitoras, a nossa situação poderia tornar-se próspera!...Bastaria que cada uma delas nos enviasse uma nova assinatura. É um esforço mínimo, quase inapreciável, em favor de uma causa comum. O que pedimos não é para nós.

O aumento de nossas rendas será todo aplicado em favor da própria revista, que procuraremos melhorar, aumentando o número de páginas, multiplicando suas seções domésticas...

Nenhuma de nós trabalha com o fito de remuneração ou de lucro. 'Trabalhamos todas por um ideal' ...²¹

Colocando-se na condição de instrumento de uma luta por nobres ideais, realizadora de uma cruzada, Virgilina justificava seu trabalho como isento de qualquer retorno pessoal, numa época em que “não ficava bem” às mulheres, principalmente das camadas mais altas, ganharem dinheiro com atividades até então reservadas ao homem.

Mamãe teve muita dificuldade em empenhar-se nesse trabalho, porque havia, naquela ocasião, em 1914, uma aversão à mulher trabalhando fora do lar. Dentro da própria família de quatrocentões, não admitiam que ela fizesse isso. Mas mamãe foi adiante!²²

A própria revista, porém, em 1918, após a morte de Virgilina, ao publicar o discurso pronunciado em sua homenagem, no I Congresso Brasileiro de Jornalistas, esclarecia que:

Com a existência já relativamente longa da Revista Feminina, que se acha no quinto ano de sua publicação, e já perfeitamente consolidada do ponto de vista material, pode-se considerar uma realidade a imprensa feminina no Brasil. Seu corpo de redação, bem como muitas de suas colaboradoras, recebem salário fixo, o que implica o jornalismo feminino como profissão. Sua fundadora, durante seus últimos anos de vida, viveu de seu jornal, fazendo dele profissão exclusiva, o que implica a existência do jornalismo feminino como profissão.²³

A morte de Virgilina não afetou as características da revista, nem diminuiu sua circulação; a figura da fundadora, com seus ideais, serviram de suporte para a continuação de seu trabalho. A própria revista anunciava que:

Sua obra continuará, felizmente, amparada e dirigida pelas suas companheiras de cruzada, que dela recebem o legado de sua fé e de sua abnegação.²⁴

Assim, três meses após seu desaparecimento, a revista publicava uma foto dos exemplares do mês, expostos publicamente...

20 ou 25.000, como provamos concretamente... para evidência dos céticos... Com a colaboração de nossas patricias, a Revista Feminina chegou a ser uma das revistas de maior circulação de todo o Brasil...²⁵

O universo das páginas da Revista Feminina

Compatibilizando-se com os ideais de Virgilina de oferecer uma leitura “*sã e moral*”, “*recreativa e literária*”, que colaborasse para a “*educação doméstica e a orientação do espírito feminino*”, a *Revista Feminina* era variada em seus assuntos, limitando-os, porém, ao que poderia se integrar ao “*mundo da mulher*”.

Suas capas coloridas eram sempre muito bonitas, com figuras de mulher em poses românticas, mas recatadas, muitas vezes com crianças, a anunciar o alvo principal de suas mensagens: esposas e mães.

As matérias, determinadas pelos interesses que se circunscreviam ao limitado espaço privado, de domínio feminino, tratavam, entre outros assuntos, de moda, decoração do lar, saúde, culinária, educação dos filhos, pequenos contos, poesias ou peças de teatro especialmente escritas para a revista, além de conselhos e “curiosidades culturais”. O tratamento dado aos assuntos, porém, seguia os ideais propostos por sua fundadora, não deixando despercebida a acentuada importância do universo da Igreja Católica; a partir de 1920, a revista trazia em seu cabeçalho a informação de que “*Sua Eminência o*

Cardeal Arcoverde afirma que a Revista Feminina é redigida com elevação de sentimentos e largueza de vistas”.

Assim, os assuntos eram tratados quase sempre sob um prisma normativo que se harmonizava com os princípios morais e a ética de comportamento preconizados pela Igreja. Temas aparentemente banais, como a moda, eram enquadrados num tratamento específico que lhes dava um caráter crítico e doutrinário. Ao lado da descrição de formas e tecidos vinham também conselhos ”úteis” sobre atitudes inconvenientes a serem evitadas:

As toilettes atuais continuam a caracterizar-se, como as da estação passada, pela largura sobre as cadeiras, o que se obtém por meio de apanhados arranjados com arte”...

Os tecidos preferidos são o brocado de seda e ouro ou prata, o veludo, os tules de seda, as gazes vaporosas, em meios tons encantadores...

Sempre a Igreja Católica reprovou os arrebiques, o excesso de enfeites, o luxo exagerado e estonteador que, como na velha Roma, pagã e dissoluta, visava unicamente fins sensuais e desmoralizadores...

Importa distinguir: uma coisa é a estética no vestir, a arte de aformosear-se, e a outra é a falta de pudor nos trajes adotados”...²⁶

As observações sobre a necessidade de recato na escolha das roupas é constantemente frisada, pois a mulher “*cada vez mais vai entremostrando, de uma forma alarmante, encantos que deveriam ficar ocultos*”...²⁷.

A culinária também tinha um destaque especial, ganhando, a partir de 1916, uma seção própria: “O menu de meu marido”, cujo título já sugeria o objetivo de ajudar a preparar refeições gostosas e variadas para o marido. A revista não deixava de expressar também sua crítica ao desinteresse das jovens por essa atividade tão importante para a família. Em 1920, através de um artigo denominado “Rumo à cozinha”, a revista denunciava que:

As mocinhas de hoje, quanto ouvem falar em panelas e quitutes, franzem o beíço, como se lhes propusessem um aviltamento... O fato de existirem cozinheiras que se pagam e que trabalham como animais de carga não exime a boa esposa de ser, pelo menos, a diretora espiritual da cozinha...

Preocupadas com mil frivolidades mundanas, passeios, chás, tangos e visitas, a mulher deserta do lar... A vida exterior, desperdiçada em banalidades, é um criminoso esbanjamento de energia...

Por que desprezar a cozinha? É naquele laboratório que se prepara o verdadeiro elixir da saúde... Dela depende a saúde como a enfermidade, a alegria como o mau humor.²⁸

A valorização da prática da culinária fazia parte do conjunto de elementos em torno dos quais centravam-se as mensagens da *Revista Feminina*: a manutenção da família, e consequentemente o bem-estar do marido. Esse bem-estar envolvia a necessidade de um lar bem decorado, capaz de

prender as tentações que vêm de fora, reter em casa os que procuram o repouso, a distração, o esquecimento da tarefa de cada dia, e que, se não se sentirem bem portas adentro, irão dispersar, nos clubes ou na rua o transbordamento de sua expansão de afetuosidade.²⁹

Vale destacar em tais conselhos não só a forma apresentada para valorizar a decoração do lar, mas o fato de ser uma matéria publicitária, pois no final informava-se que o aconchego desejado para o lar era conseguido com o mobiliário vendido no Mappin Store.

Além dos assuntos consagrados no mundo feminino, como beleza e culinária, a *Revista Feminina* preocupava-se também com o lazer de suas leitoras. Para isso, publicava grande variedade de poemas, contos e pequenas peças de teatro, com a colaboração de renomados escritores nacionais, destacando-se o teatrólogo Cláudio de Souza, irmão da fundadora da revista, além de algumas traduções de obras estrangeiras.

Essa literatura era marcada por mensagens de acentuado fundo moral, compatível com o ideário da revista, e que, provavelmente, de forma até mais eficaz que os demais recursos, atingia o pensamento das leitoras. Os contos e pequenas peças de teatro constituem-se em importante elemento para análise dos valores defendidos pela revista. Valorizavam o sacrifício, a abnegação, a renúncia, ao mesmo tempo em que enalteciam a importância do casamento e sublimavam a maternidade.

A lealdade e fidelidade ao marido deviam ser guardadas, mesmo após sua morte; é o que revela uma pequena crônica sobre a viuvez:

“Viúva”... Eis a palavra mais triste... Para a mísera que sobreviveu, nada mais resta senão a solidade, o isolamento, o vácuo... Quanto mais firme era o braço que a sustentava, mais querido o ser que viveu ao seu lado...

Já não o vê, já não lhe ouve a voz, aquela voz de timbre meigo e ao mesmo tempo severo...

Passam-se os anos... e a viúva não cessa de visitar aquele santuário. Os filhos cresceram, casaram-se, afastaram-se, mas o lugar que ele ocupava nunca será ocupado por ninguém...³⁰

O casamento era considerado o acontecimento mais importante de uma mulher, e devia se sobrepor a qualquer outra aspiração, principalmente se esta se incluísse entre as que, preconceituosamente, eram consideradas “*indignas de uma moça direita*”.

No conto “A noite de estréia”, uma jovem costureira tinha ambições de entrar para o teatro e conheceu um músico. ... “parecia uma loucura que uma moça honesta renunciava à vida pacífica de seu lar e à profissão tão rendosa em troca de uma existência sempre incerta e tão acidentada”.³¹

Ao conseguir uma chance de se apresentar, o maestro maldosamente mudara o tom da orquestra, levando-a ao fracasso e pondo fim à ambicionada carreira, mas o jovem músico viera a seu encontro, afirmando que a queria “na paz humilde de tua casa, na alegria íntima da família, perfumada pela tua graça e sem receio de que alguém me venha roubar o teu afeto”.³²

Diante de tal “compensação”, a jovem agradeceu ao maestro “o grande favor que lhe devo”,³³ e esqueceu-se de suas antigas pretensões.

A maternidade é tema constante de contos e crônicas, e não faltam mães pobres invejadas por amigas ricas e poderosas, pois “não há riqueza que compense a falta de filhos”. A revista não perde a oportunidade de ressaltar, através da literatura, a importância da amamentação e de a mãe abandonar sua vida social para se dedicar exclusivamente aos filhos. Um dos recursos de que lança mão é a culpa das mães por situações sérias e irreversíveis, como acidentes ou morte de filhos, em decorrência de sua pouca dedicação, da outorga de cuidados a babás ou de uma simples ida ao teatro.

Os trabalhos literários publicados pela *Revista Feminina* constituem-se, por si só, em importante elemento para a recuperação do seu ideário, coerente com o pensamento manifestado nas outras seções. Além dos contos, poemas, peças de teatro, crônicas que publicava em suas páginas, a *Revista Feminina* era responsável por obras que indicava e vendia, assim como pela manutenção de uma biblioteca, que punha à disposição das leitoras. Segundo testemunho de D. Avelina: “A Biblioteca da revista era muito escolhida. Publicou um livro de receitas, de contos infantis, que se chamava “Nova Seiva”, e assim uma infinidade de coisas”.³⁴ Incentivava também a participação das leitoras, e em 1918, criou uma nova seção, O Jardim Fechado,

reservado às assinantes que queiram publicar assuntos como moda, contos, cozinha, higiene doméstica, conselhos práticos, versos com certa gravidade e algum estilo. A colaboração excessivamente frívola será desprezada.³⁵

Um assunto de interesse feminino, tratado com extrema discrição, era a saúde. Além dos inúmeros anúncios de remédios que se apresentavam como soluções para a maioria dos problemas femininos, a revista oferecia “consultas”, através de cartas, numa seção chamada “Consultório Médico”. O sucesso da seção nos leva a pensar nas barreiras que o pudor e a timidez criavam, dificultando a consulta direta ao médico.

Ainda na diretriz de “auxiliar” a leitora, a revista orientava a elaboração de trabalhos manuais, principalmente de agulha, que serviriam para ocupar seus momentos de lazer e ao mesmo tempo poderiam se constituir em objetos úteis para o lar, ou até mesmo numa forma de ganhar algum dinheiro, sem ter que sair de casa. A publicação criou uma exposição permanente, para onde os trabalhos podiam ser enviados a fim de serem vendidos, “*sem o mais leve lucro para nós, unicamente cobiçosos de auxiliar a todas no seu aperfeiçoamento artístico, na útil ocupação de seu tempo*”.³⁶ Dizia Avelina a respeito dessa iniciativa da revista:

Todas as pessoas que quisessem podiam mandar seus trabalhos para a revista. Isso era para ajudar a mulher. Como a mulher não podia trabalhar, às vezes muito necessitada, mandava rendas do norte, lindíssimas toalhas; a revista vendia e só tirava uma pequena comissão para sustentar as despesas da exposição. A revista estabelecia também concursos e vinham trabalhos muito bonitos.

A exposição era perene, constante. Uma de suas freqüentadoras era a Baronesa de Araripe, com sua bengala; vinha sempre comprar as coisas. Havia trabalhos do Brasil inteiro. “Naquela época a mulher trabalhava muito em bordados”.³⁷

Outro setor a que se voltava a revista, cumprindo o propósito de “*eleva o nível das leitoras*”, eram as matérias “culturais”, sobre os mais curiosos e variados assuntos. Algumas tratavam de usos e costumes de povos distantes e “exóticos”, como “A arte das cicatrizes”,³⁸ que falava sobre povos africanos que se enfeitavam fazendo cicatrizes; “O sono das gueixas”,³⁹ que mostrava como eram feitos seus sofisticados penteados e como eram conservados por vários dias; ou “A origem da máscara”,⁴⁰ que reconstituía o uso desse adereço através dos tempos e povos.

As matérias culturais não esqueciam os assuntos que pudessem interessar mais diretamente à mulher, como “O casamento entre as diversas raças. Costumes, ritos e tradições”,⁴² ou “Uma aldeia de mulheres: costumes interessantes”,⁴³ sobre a ilha de S. Balandran que, segundo a “fábula”, era governada por mulheres, muito antes que

o moderno feminismo houvesse amenizado e divertido a vida masculina com a irrequieta e pernóstica coorte de sufragistas, cujos excessos, seja dito a passagem, comprometem, senão afogam, a simpática causa da emancipação da mulher.⁴⁴

Parte da atenção da revista dirigia-se a “conselhos” e “receitas” de comportamento, que visavam a orientar as leitoras a desempenharem adequadamente os papéis de esposa e mãe. Assim, seguiram-se, entre 1917 e 1918, artigos com sugestivos títulos: “Como a esposa consegue dar felicidade ao marido”, “Como a esposa consegue atrair o amor do marido”, “Qualidades práticas da esposa”, “Qualidades morais da esposa”, “Aprender a ser mãe”, etc.

Na seção Vida feminina, a revista revelava sua face feminista, segundo seu conceito de feminismo “não revolucionário”; informava sobre as campanhas sufragistas, as conquistas femininas nos vários países, os congressos feministas nacionais e internacionais.

Um importante papel, desde a fundação da revista, foi ocupado pela propaganda. Reunida no início e no fim de cada número, não se intercalava nem invadia seus textos; anunciava produtos de beleza, remédios, casas comerciais, modistas e automóveis, mas os produtos eram colocados sob triagem para que não se tornassem incompatíveis com o espírito da revista. Segundo o periódico,

procuramos sempre evitar os anúncios no texto e somos forçados a recusar, por escrúpulo, certos anúncios cuja leitura não nos parece próprio a senhoras e senhoritas.⁴⁵

Assim, a propaganda também era submetida ao mesmo critério de seleção das matérias; muitas vezes era sutilmente inserida em meio a longos textos sobre moda, decoração, ou algum depoimento pessoal, em que aparece sob a forma de “conselho”: é o caso das propagandas do Mappin Store ou mesmo de uma companhia de seguros, que se vale da experiência de uma viúva para aconselhar as outras mulheres a fazerem seus maridos comprarem apólices de seguro de vida.

A linguagem utilizada pela *Revista Feminina* variava da coloquial e amistosa, com que tratava as leitoras com a intimidade de amiga, especialmente no caso de pedidos de novas assinaturas, à cerimoniosa, formal, quando se referia às “senhoras leitoras” em campanhas de fundo moral, quando demonstrava a dignidade e o respeito a seu público. O tom impositivo era sempre evitado, pois não se compatibilizava com o tratamento adequado a quem se propõe a orientar, instruir, fazer companhia, oferecer distração. O papel de amiga, aliás, era sempre reforçado, para merecer maior confiança das leitoras, e como tal preservava sua sede aberta à visitação, como uma casa, pronta a receber as amigas para um chá. Mantinha a biblioteca à disposição, e os trabalhos manuais em exposição.

A revista se apresentava como uma amiga, sempre pronta a ajudar, mas com muita discrição; apesar de receber grande quantidade de correspondência, pedindo conselhos, as respostas eram enviadas particularmente, ao contrário do que já faziam outras revistas na época. Não mantinha uma seção de “consultório sentimental”, preferindo garantir a individualidade dos conselhos. Segundo D. Avelina:

A revista tinha uma correspondência muito grande com todas as embaixatrizes. Elas faziam da revista uma conselheira, escreviam contando seus problemas e eu respondia, tanto que eu me conservei assim apagada porque elas pensavam que Avelina de Souza Salles era uma senhora e eu era uma mocinha. Eu me sentia até acanhada. Logo no começo eu não respondia   correspondência, mas da  a uns dois ou três anos eu fui assumindo. Essa correspondência era particular, não saía da revista.⁴⁶

Como amiga de suas leitoras, a revista preocupava-se com sua formação, com o desenvolvimento das aptidões necessárias para o bom desempenho dos seus papéis básicos: esposa e mãe. Seu preparo, contudo, não implicava na necessidade de integrá-la no mundo exterior ao lar, portanto a revista não informava o que acontecia à sua volta. Manteve-se à parte de fatos políticos, como sucessões presidenciais, de movimentos sociais, como greves, de problemas econômicos e mesmo manifestações artísticas, com a Semana de Arte Moderna. Nem mesmo a revolução de 1924, que abalou a vida da cidade, foi mencionada, merecendo apenas as desculpas pela interrupção de sua publicação devido aos

acontecimentos desenrolados nesta capital que, pela leitura dos jornais, nossas boas amigas estarão científicadas...⁴⁷

Assim, dividia-se a imprensa: aos jornais masculinos, a informação, os acontecimentos diários, o mundo real; à Revista Feminina, o mundo fechado pelos muros do lar, os padrões de comportamento, os valores ideais. Essas duas realidades, que se tentava separar, inevitavelmente se encontravam, nas próprias propostas da revista, quando sugeria maior participação da mulher na sociedade, na defesa do voto feminino, nos protestos contra os crimes praticados contra mulheres.

Apesar dessas aparentes contradições, a revista era muito bem aceita por suas leitoras, que viam suas mensagens corresponderem às suas expectativas; o aumento constante nas vendas e a prontidão com que respondiam aos apelos de conseguir novas assinaturas são eloqüentes testemunhos que confirmam as palavras de Avelina: “A revista era muito querida”.⁴⁸

A colaboradora Ana Rita Malheiros

O caráter assumido pela *Revista Feminina*, em sua proposta editorial, era de se constituir numa revista “*de mulheres para mulheres*”, numa conversa coloquial entre amigas. Fundada e dirigida por mulheres, tinha nesses elementos seu principal argumento para garantir a confiança das leitoras. As opiniões masculinas chegavam não como normas impositivas, mas como “*colaborações voluntariamente aceitas*”.

A voz mais alta da revista, que falava em tom mais incisivo e melhor refletia seu pensamento, estava em suas crônicas, que abriam cada edição, sempre muito bem escritas, voltadas para o assunto de maior interesse no momento. Essas crônicas, que funcionavam como um editorial, eram o principal instrumento de crítica, defesa, reivindicação, protesto ou enaltecimento do assunto em foco no mês. Elas foram assinadas, até junho de 1922, por Ana Rita Malheiros.

O sucesso da escritora despertou grande curiosidade em torno de sua pessoa, e sobre ela a revista publicou uma história tão romântica quanto fantasiosa:

Ana Rita Malheiros, tão formosa de corpo quanto de espírito, teve da natureza todas as graças que uma mulher pode desejar, inclusive a fortuna. Nascida nesta capital, em 1886, hoje, pois, com 34 anos, causou-se aos 18 anos com o Dr. Ricardo Malheiros, cujas condições de fortuna, aliadas às que possuía sua noiva, fizeram com que a vida do casal transcorresse em viagens de recreio, com uma longa estadia em S. Petersburgo, onde foram recebidos na corte.

Numa viagem ao Oriente, na passagem pelo Tibet, o Dr. Ricardo adoeceu gravemente e veio a falecer mais tarde, de volta a Paris, do terrível mal que contraíra: um derrame pleural. Faleceu o Dr. Ricardo em seu castelo de Vaux-Cresson, tendo estado sua esposa a seu lado sem descanso, em perpétua vigília, durante muitos meses, até a hora de sua morte.

O Dr. Ricardo era um fino espírito de atleta e foi grande amigo de Eduardo Prado e Eça de Queiroz. Foi no ambiente de Paris, com o convívio de um círculo só de escritores e artistas que Ana Rita Malheiros formou a sua delicada educação literária, sem nunca perder, como se vê em suas crônicas, o seu espírito de nacionalismo, o que raramente acontece com nossos patrícios que vão à Europa...

Logo após a morte do marido, Ana Rita, que o idolatrava, e com ele se ligara por uma paixão violenta, regressou ao Brasil, liquidou diversos assuntos e foi se internar numa fazenda de uma tia, não em Mato Grosso, mas em Goiás, onde não chega a estrada de ferro e onde, conforme disse ela em uma de suas crônicas, “vivo a colher em cada arbusto de meu jardim, em cada árvore do meu pomar a flor e o fruto de minha saudade”. Moça e formosa, só mesmo um grande amor podia levá-la a sepultar-se assim em vida quando todos os êxitos a esperam numa grande capital...

Uma boa notícia podemos dar às nossas leitoras. Ana Rita parece disposta a atender aos inúmeros pedidos de seus amigos e abandonar seu exílio de 10 anos e mudar-se para o Rio de Janeiro, para uma sua propriedade na Tijuca.⁴⁹

Essas informações sobre Ana Rita Malheiros foram publicadas “*por ocasião de seu aniversário*”, graças à “*indiscrição de uma amiga*”. Suas crônicas realmente faziam tanto sucesso que Coelho Neto,

o maior de nossos pensadores vivos... transcreveu (uma delas) em sua bela revista”, observando que “é uma página de prova lapidar... Ana Rita Malheiros, que vive nos confins de Mato Grosso pode disputar com as mais belas e perfumadas flores do nosso jardim literário...”⁵⁰

A ligação de Ana com Virgilina foi narrada pela primeira na crônica que se seguiu ao falecimento da fundadora da revista, em julho de 1918:

Lembro-me ainda da primeira vez em que ela me falou de seu sonho, de seu grande sonho. Estávamos em Caxambu, sentadas no canto do salão de jogos do Palace Hotel... conversamos, falamos da imprensa feminina na Europa e América do Norte e foi

quando ela me confiou seu plano, seu programa, seu sonho... Prometi-lhe desde então minha colaboração, que pouco vale, e nestes 5 anos passados esforcei-me por acompanhá-la na sua nobre, imensa e abnegada missão...⁵¹

Assim, Ana Rita Malheiros tornou-se principal expressão da *Revista Feminina*, sua porta-voz, quem melhor traduzia seu pensamento. Suas crônicas eram marcadas por acentuado nacionalismo, moralismo e feminismo “não revolucionário”, como aliás toda a revista. Esse nacionalismo apresentava-se sob diferentes formas, desde um espírito militarista, mais marcante no período da guerra, mas igualmente em época de paz, quando fazia a defesa do serviço militar obrigatório; conclamava as mulheres a se inscreverem na Cruz Vermelha e elogiava a participação da mulher brasileira na guerra. Outra expressão de seu nacionalismo era a crítica às influências estrangeiras na moda, hábitos e vocabulário, invadindo a vida social.

Uma das feições mais caracteristicamente acentuadas de nossa vida social é sua tendência para a introdução de usos e costumes exóticos... Criou-se um novo tipo de brasileira. É a mulher que se supre de alta elegância, que se veste pelos mais desabusados figurinos que adotam as mundanas de além-mar, que abandonam seus filhos à direção atroz de amas inglesas, que se fazem tratar de “Madame”, que pela manhã reclamam seu “petit-déjeuner”, que não dispensam o “five o’clock tea”, que habitam um “set” elegante, no qual se joga “foot-ball” às 4 horas, o “bridge” à noite, e o “flirt” em todas aquelas horas e mais nas que lhe são intermediárias.⁵²

A crônica de março de 1920 é ilustrativa do binômio defendido pela articulista: nacionalismo e tradição:

Quando estive há tempos em São Paulo, numa festa de alta elegância, para a qual fui gentilmente convidada, e na qual se apresentava a melhor gema da boa e velha nobreza paulista, e muitos que em negócios e operações de aventura ganharam mais nobreza que as que trazem aqueles de tradições de moral...⁵³

A valorização da “*melhor gema da boa e velha nobreza paulista*”, ou seja, da “tradição”, em contraposição aos que enriqueceram “*em negócios de aventura*”, ou seja, “os arrivistas”, “novos ricos”, como qualificavam os que se julgavam a elite, continua ao longo de sua narração sobre tal evento social:

... “estava a meu lado uma senhora, de boa e antiga árvore paulista, uma Andrada legítima, que protestava veementemente contra as jovens sem tradição, que se apresentavam cantando ou declamando em francês. Uma delas, cujo pai enriqueceu com armarinho e a mãe, coitada, tem as mãos grossas dos tempos maus, antes de se casar, não podia “amar nossas tradições”, pois “nunca teve tradições, nem sabe o que lá é isso”...⁵⁴

O relato continua acentuando a indignação contra as novidades e estrangeirismos, a contagiarem até as jovens “aristocráticas”, pois que

três jovens, de sangue puro... de gente que vinha das bandeiras, da velha raça de Amador Bueno... sangue de primeira, que se agarra à terra, ao anunciarem os versos, também em francês, que iam ser declamados, provocaram tamanha indignação na velha senhora que esta se retirou, a tempo de não ouvir a orquestra de “latas velhas, buzinas de automóvel, apitos e mugidos (jazz bundle, parece que é assim que se chama a monstruosidade) romper numa música de hospício, de alucinados, de doidos varridos, enquanto os pares enlaçados iniciaram as danças, uma das danças dos criminosos de Paris e dos bandidos do Far-West americano...”⁵⁵

A crônica de Ana Rita Malheiros revela a identificação entre os ideais da revista e os da elite agrária, que reage às influências estrangeiras, aos “sem tradições” e se considera herdeira do “sangue puro” da “velha raça de Amador Bueno”.

Como representante desse grupo, Ana Rita Malheiros preocupava-se, acima de tudo, com as ameaças à moral que contaminavam a sociedade através do cinema, teatro, moda, e não se cansava de alertar as leitoras para suas responsabilidades de mãe:

Nos tempos que correm, com a licenciosidade dos costumes e da moda feminina, exagerada até o impudor, os crimes contra a segurança da honra e da honestidade das famílias só pelas mães podem ser evitados. Elas são as únicas responsáveis pelo desencaminhamento de suas filhas.⁵⁶

Era nas crônicas de Ana Rita Malheiros, ainda, que se encontravam os principais campos de luta a favor dos direitos da mulher e do voto feminino, e os mais veementes protestos contra os crimes praticados contra mulheres. Os assuntos políticos geralmente estavam ausentes, com exceção de veladas críticas à República, que nos fazem pensar em resquícios de simpatia pela monarquia, além de alguns “alertas” contra o perigo de ideologias anti-cristãs, como o Bolchevismo:

Um dos artigos do credo bolchevista, que acabará por tornar-se lei, é o da socialização da mulher, isto é, da entrega da mulher a quem a desejar. Outro declara que a vida é matéria e se deve reger pelos instintos do mais forte, e que religiões, seus apóstolos, sua moral, devem ser queimados, como bíblias falsas, na praça pública da emancipação das consciências, de onde deve ser riscado o nome de Deus...

...Mas onde estão as sociedades católicas do mundo todo que permitem esse espetáculo de degradação moral? Que esperam para se erguer contra essa ignomínia?⁵⁷

Ana Rita Malheiros foi assim a líder da cruzada da *Revista Feminina* em defesa da moral, da religião, da tradição, do nacionalismo, dos deveres da esposa e mãe. Através dela, a revista criticava, enaltecia, advertia, reivindicava. Sua cultura e seu estilo literário, consagrados por figuras respeitáveis na época, eram motivo de orgulho da revista, um ideal reverenciado pelas leitoras e um testemunho da capacidade intelectual da mulher, ainda tão desacreditada na época. Sua vida, em meio a paixão e sofrimento, riqueza e renúncia, mistério e fama, preenchia perfeitamente os requisitos fantasiosos do imaginário das leitoras.

Ana era respeitada, suas palavras mereciam a consideração do público, compartilhando com este a defesa dos valores tradicionais. A revista estimulava sua mitificação, reforçando a receptividade das mensagens; igualando-se às leitoras, como mulher, e ao mesmo tempo diferenciando-se, pela sua cultura e inteligência: era a voz mais alta, a líder de campanha e críticas.

Malheiros seria o símbolo feminino dos ideais da revista... *se fosse realmente uma mulher*. Ana, na verdade, era o pseudônimo sob o qual se expressava Cláudio de Souza, irmão de Virgilina, médico, teatrólogo, membro da Academia Brasileira de Letras. O segredo, tão bem guardado, nunca chegou ao conhecimento do público. Avelina, em seu depoimento, confirmou o uso do pseudônimo:

Era um pseudônimo sim, mas ninguém sabia. Ele usava o pseudônimo porque queria valorizar a mulher, era a mulher falando, “de mulher para mulher”, mas nunca ninguém soube...⁵⁸

A identificação Ana Rita Malheiros/Cláudio de Souza não é uma ligação “de mulher para mulher”, mas uma ruptura; não se trata de uma porta-voz das mulheres, mas de um homem falando pelas mulheres, sob outra ótica da realidade.

A figura de Cláudio de Souza, como Ana Rita Malheiros, dá-lhe uma importância maior do que a desejada pelos que pretendem ver a *Revista Feminina* como uma realização só de mulheres. Sua projeção literária favoreceu a participação de colaboradores importantes; sua indústria de produtos de beleza sustentou a revista nos primeiros números, e nunca deixou de estar presente em sua publicidade; sua vida de viagens por Europa, Grécia, Turquia, Síria, Palestina, Egito, Polo Norte e Polo Sul, Japão e Estados Unidos⁵⁹ não só inspirou a vida “aventureira” de Ana Rita Malheiros, como, com certeza, trouxe à revista curiosas informações culturais.

Cláudio de Souza adquire, na figura de Ana Rita Malheiros, a condição de principal articulador do pensamento da revista, dosando as reivindicações, valorizando papéis tradicionais e modelos de conduta marcados pela submissão. Com a morte de Virgilina, apenas quatro anos após a fundação da revista, esta não se descaracteriza, apesar de Avelina, continuadora de sua obra, ser ainda “*muito novinha, recém-saída interna do colégio Sion*”.⁶⁰ A revista sobreviveu coerente com “os ideais de sua fundadora”. Ana Rita Malheiros/Cláudio de Souza teve sua responsabilidade nisso.

Acompanhando as crônicas de Ana, podemos seguir as causas defendidas pela revista; através dela, a revista empreendia campanhas e mostrava sua face feminista, coerente com sua concepção de preservação e não de rupturas.

E entre a mitificação de papéis e as cruzadas moralizadoras, a leitora podia encontrar, na *Revista Feminina*, os modelos para o bom desempenho de sua missão social de mulher.

ANEXO - “A BELLEZA FEMININA”

“Toda mulher deve ser bella na medida do possível. A belleza feminina não é apenas um factor importante da felicidade conjugal.

A formosura da mulher é também um beneficio social. Quanto mais bella mais forte é a mulher. As sociedades onde as mulheres teem mais influencia são as mais delicadas, as mais benévolas, as mais humanitárias, as menos materialistas. A arte deve tudo à mulher. É difficil saber se foi à esculptura grega que immortalisou as mulheres da Grécia ou se foram às mulheres servindo-se de modelos que a immortalisaram.

A arte só se inspira na belleza, e a belleza da mulher foi e sempre há de ser a força que mais agita os destinos humanos.

A mulher não tem a obrigação de ser bella, mas tem o dever de zelar os seus encantos como o homem tem o dever de zelar a sua energia, a sua força e a sua actividade.

Dirão nossas leitoras, não é a belleza condição indispensável à existência da mulher, e nem deve a belleza constituir a sua única, a sua absorvente finalidade na vida.

De acordo. Mas a belleza é sempre um beneficio que longe de prejudicar a virtude, a enfeita e adorna.

Nem todas as mulheres são bellas, mas na mulher há sempre qualquer cousa bella, que convem cuidar, preservar dos estragos do tempo e da ruína precoce.

Uma mulher completamente bella é rara assim como é rara uma mulher completamente feia. Pode-se crear a belleza, no sorriso, no olhar, na attitude, no gesto, na voz. A expressão é uma segunda belleza. Frequentemente se vêem mulheres pouco bonitas que conseguem ser fascinadoras.

Não só a belleza se aperfeiçoa e desenvolve, mas ás vezes se adquire.

A mulher que quer ser bella ou parecer bella a primeira cousa a aconselhar, é que trate de sua saúde.

Toda a doença é inimiga da belleza.

A belleza também adocece, também tem as suas enfermidades.

Mulher, se queres ser bonita, tens que ser saudável.

Uma mulher doentia, pallida, frágil, pode inspirar a *sympathia*, um sentimento de ternura, uma *affeição* passageira.

Mas nada pode substituir o poder dominador, a influencia suggestiva da saúde, o magnetismo mediante da alegria.

A saúde attrahe, fascina, provoca o amor. Um rosto lindo, mas exprimindo dor, apenas causa dó.

Pode parecer uma revelação de cruel egoísmo esta predilecção pela saúde. Mas é natural e legitima. O Mundo é dos que teem saúde”.

Recebido em setembro/2007; aprovado em outubro/2007.